



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos das Capitanias Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guarani. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

ANO 2024

Junho

Nº 454

Nota do Editor:

O texto a seguir, é de autoria do TC QCO Latfalla e se reveste de invulgar importância para o entendimento dos acontecimentos, circunstâncias e condicionantes da preparação, viagem e chegada, principalmente do 1º Escalão da FEB, na Itália em 1944.

FEB: da África do Norte para a Itália

Tenente-Coronel QCO Giovanni Latfalla, da obra "FEB, Missões e Observações Militares"

Atenção: notas ao final do texto, numeradas entre parênteses.

A partir do momento em que foi decidido que o Brasil enviaria tropas para participar do conflito, em 1943, com a anuência dos EUA, os militares brasileiros começaram a questionar onde a futura FEB seria empregada.

A questão a respeito do destino da FEB já havia sido tratada nas reuniões entre os dois países ocorridas no Rio de Janeiro, em maio de 1943, conforme pode ser confirmado pela documentação a seguir.

O General Dutra, justificando a necessidade de tomar algumas medidas, questionou o local onde o corpo expedicionário seria utilizado, e a resposta dada pelo representante dos EUA, foi a seguinte:

"O senhor general Ord responde lamentar que, no momento, ele como certamente o E.M. norte-americano, nada poderá adiantar a respeito. Admite, porém, que seja em qualquer ponto da região Mediterrânea. Se a invasão da Europa se fizer pelo Norte (Noruega, etc.) o Corpo Expedicionário não será empregado nesta ação (1).

Esta e outras questões foram enviadas à Comissão de Washington, chefiada pelo General Estevão Leitão de Carvalho.

- Provável ponto de primeiro destino do Corpo Expedicionário (Fora do Continente):

Afim de que, em definitivo, possam ser assentadas certas providências (fardamento, agasalhos etc.), será de grande vantagem conhecer o ponto de 1º destino previsto ou, no mínimo, as condições climatéricas da região de provável emprego encarada para o Corpo Expedicionário Brasileiro. O conhecimento oportuno desta questão, visa, por outro lado, a remessa oportuna de certos oficiais - de Estado-Maior, técnicos de Engenharia, Médicos, em particular - para o estudo das condições locais (hábitos, recursos, higiene, etc.) (2).

A resposta para esta questão, enviada pelo General Leitão de Carvalho, veio em setembro de 1943, e continuou não esclarecida:

- O ponto de primeiro destino, como foi esclarecido na aludida reunião, depende da situação estratégica do momento (3).

No dia 02 de junho de 1943, em um ofício secreto enviado ao presidente Vargas, o general Dutra, relacionado ao novo acordo político-militar com os EUA, no inciso IV, salientou ser "absolutamente imprescindível" (4):

- assentar, por uma questão de clima e condições mesológicas, que, em princípio, o emprego de nossa força expedicionária se restrinja à região sul-mediterrânea da Europa.

Em julho de 1943, o chanceler Oswaldo Aranha, em uma clara ingerência em assuntos militares, chegou a informar ao Departamento de Estado que as tropas brasileiras poderiam atuar em qualquer lugar.

Com todas as dificuldades de comunicações e abastecimentos entre o Brasil e a Itália, o que seria da FEB atuando no sudeste da Ásia? Os norte-americanos tiveram o bom senso de não levar a sério esta proposta.

"Senhor: tenho a honra de informar que Aranha me disse esta manhã que estão em andamento os preparativos para a preparação das forças expedicionárias brasileiras para o exterior. Eles podem ir para a África, Europa, Ásia ou para onde você quiser", disse ele.

Ele acrescentou que o general Dutra está autorizado a discutir detalhes em Washington” (5).

Em Londres, de acordo com Luiz Alberto Moniz Bandeira, o primeiro-ministro Churchill chamou o embaixador do Brasil, José Joaquim Moniz de Aragão, e lhe disse que telegrafasse ao Itamaraty, pedindo ao governo brasileiro que preparasse para embarcar três divisões (e uma reserva) com destino à frente de luta na Europa. Adiantou-lhe que se os americanos criassem problemas, os ingleses transportariam as tropas, cabendo aos brasileiros escoltá-las até Dacar.

Os Estados Unidos, segundo Churchill, pretendiam mandá-las para o sudoeste da Ásia, mais precisamente para as Filipinas, uma vez que estava terminada a luta na África. Churchill tomara todas as providências e, mesmo, já se entendera com o Governo de Washington sobre o assunto.

Infelizmente, Moniz Bandeira não coloca a data desta entrevista com o antigo embaixador, e nem o ano, 1943 ou 1944, em que Churchill ofereceu ajuda para o transporte das tropas do Brasil. A luta na África havia terminado em maio de 1943.

Moniz de Aragão foi embaixador em Londres até o ano de 1952. Em 1943, foi nomeado representante do Brasil no Comitê Executivo Intergovernamental para os Refugiados, com sede em Londres. A questão não é duvidar do que escreveu o embaixador, mas crer na sinceridade de Churchill, quando se sabe que os ingleses não queriam a presença da FEB no front europeu.

O General Mascarenhas de Moraes fora informado oficialmente, no final de maio, da possibilidade do envio do 1º escalão (da FEB) na segunda quinzena de junho. A leitura do que escreveu o general Mascarenhas de Moraes, não deixa de transparecer uma certa improvisação no embarque da FEB para a guerra:

"Embarque do 1º Escalão em 2 de julho de 1944 — A tropa expedicionária, já concentrada no Rio, intensificava a instrução, incluindo exercícios de embarque, realizados nas situações de normalidade e de emergência. Paralelamente, mantive frequente contato com o general Hayes Kroner, adido militar à Embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro. Com manifesto interesse pela tropa expedicionária, permitiu que eu, em fins de maio, externasse-lhe meu desagrado pela demora da chegada do navio americano, destinado ao transporte de nossa tropa. Em rápida viagem a Washington, consegui então o general Kroner que, nos últimos dias de junho fundeasse no porto do Rio de Janeiro o transporte de guerra americano General Mann, destinado ao embarque do 1º Escalão da tropa expedicionária. Pela sua vigilância e iniciativa, fez-se o general Kroner o patrono dos embarques da nossa tropa para além-mar. Desembaraçado e atilado, contribuiu de modo notável para as medidas de coordenação e de sigilo necessárias à segurança das operações e embarque.

Aqui ficam algumas dúvidas: se o General Kroner não fosse a Washington, quando a FEB iria para a guerra? As comunicações entre o Rio de Janeiro e Washington eram tão ruins que obrigaram o general a ter que se deslocar para os EUA?

No dia 02 de julho de 1944 o primeiro escalão da FEB embarcou, não para o norte da

África, e sim para a Itália. Com a FEB já em viagem, no dia 05 de julho, os observadores militares brasileiros tiveram conhecimento do que estava ocorrendo. Talvez, por questões de segurança, a informação deve ter sido sonegada até aquela data.

Em 05 de julho de 1944:

"Em virtude de ordem superior nos deslocamos, hoje, via aérea, de Argel para Nápoles. É que ficou decidido pelo Comando Aliado do Mediterrâneo que a Divisão Brasileira deveria desembarcar em Nápoles, a fim de completar seu treinamento na Itália, ao invés de fazê-lo na África do Norte, como fora projetado inicialmente. Nada justificava, de fato, o seu desembarque na África do Norte, quando as forças aliadas, na Itália, já se encontravam ao norte de Roma, em fase de perseguição aos alemães" (Mascarenhas de Moraes).

Sobre a decisão tomada a respeito do local para o envio do contingente brasileiro, o historiador Hélio Silva escreveu:

"Inesperadamente, a 5 de julho, os nossos oficiais em Argel recebem ordem para se deslocar de avião para Nápoles. O Comando Aliado do Mediterrâneo decidira que a Divisão brasileira deveria desembarcar em Nápoles e concluir seu treinamento na própria Itália".

A opinião do (então) Coronel Floriano de Lima Brayner sobre a ida da FEB para a Itália foi:

"Queríamos orientar e tranquilizar nossa tropa, dando-lhe a segurança de um período de adaptação no ponto de primeiro destino, para que pudesse vencer essa fase inicial com maior dedicação. Tínhamos diante de nós uma grande interrogação: - para onde nos levariam? Todos sabiam que as Divisões Americanas, quando deixaram os Estados Unidos, faziam um primeiro lançamento no Norte da África (Oran-Argel), para um período de ambientação e aperfeiçoamento da instrução. Aí se encontravam os instrutores e assessores oriundos do front italiano ou da Normandia, para o último retoque, inclusive na preparação psicológica da tropa. Esperávamos que fizessem outro tanto com a nossa Divisão.

Lima Brayner citou uma última reunião ocorrida na noite de 15 para 16 de julho, ainda dentro do General Mann, o navio em que a FEB embarcou:

"Nessa última reunião de EM, a bordo, trocamos impressões sobre a realidade. Tudo era mistério em torno de nós. Durante a viagem não havíamos recebido, do ponto de 1º destino, qualquer orientação. Na partida, nem sabíamos qual seria o nosso destino".

Além dos norte-americanos, somente o general Mascarenhas de Moraes sabia o destino da FEB:

"A operação de embarque foi revestida de grande sigilo, como defesa natural contra a preparação de qualquer ataque da aviação, ou de submarinos inimigos, durante o trajeto. A bordo, era eu a única pessoa a saber o nosso porto de destino: Nápoles. O general Kroner, antes do embarque, fez-me essa comunicação secreta, que nesse caráter guardei".

O General Mascarenhas ficou sabendo do destino da FEB na hora do embarque. A decisão de ir direto para a Itália, provavelmente, veio do comando dos EUA. Não parece

possível acreditar que autoridades do governo brasileiro soubessem do destino da FEB, e não informassem o comando da mesma a respeito do local para onde estariam indo. Neste sentido, a não ida para o período de treinamento em Oran foi uma determinação de autoridades dos EUA.

Lima Brayner disse que, durante a visita do general Mascarenhas de Moraes ao Norte da África, havia ficado combinado que as unidades brasileiras teriam o mesmo roteiro das norte-americanas enviadas ao teatro de operações do Mediterrâneo, ou seja, o treinamento na Argélia.

"...Ao ser montado o embarque no Rio, estava assentado que o ponto de primeiro destino seria Oran, no norte da África, cujas Áreas de Estacionamento estavam completamente aparelhadas para receber Divisões americanas vindas dos Estados Unidos. E como previssem problemas de acampamento, os representantes americanos, no Rio, aconselharam a que se aliviasse o peso dos sacos A, componentes de bagagem individuais".

Lima Brayner contou um pouco mais sobre o que ocorreu:

"Por sinal que, o coroamento daquele embarque, sob o mais severo sigilo, para preservar o navio transporte dos ataques submarinos, resultara do trabalho herculano de três oficiais do E.M. Divisionário: coronel Lima Brayner Chefe do E.M., Ten. Cel. Castello Branco, Chefe da 3ª Seção, Ten. Cel Amaury Krueel, Chefe da 2ª Seção. Somente esses, além do General Mascarenhas, sabiam o que estavam fazendo. O resto do Estado-Maior agia, como autômatos, cumprindo ordens. Era um compromisso de honra militar não deixar a informação sair do ciclo em que se trabalhava a realidade. E logo em seguida, outro impacto terrível incidiu sobre o Grupo-Embarcado no próprio momento da partida: a FEB não iria mais para o Norte da África. Seguiria direto para Nápoles, contrariamente a tudo o que se havia feito com as Divisões Americanas até aquele momento. A informação era da Embaixada Americana, por intermédio do General Kroner, adido militar e, mais tarde, já a bordo do "General Mann", pelo Cap. de Mar-e-Guerra Raul Reis, assessor brasileiro do Comandante do navio. A informação era absolutamente sigilosa. A ordem vinha do Pentágono. Somente a partir do quinto dia de viagem foi difundida entre os oficiais embarcados. Não impressionou a tropa. Todos achavam que era melhor assim: ficava-se mais perto da realidade".

Sobre o destino da FEB, Frank McCann escreveu, erroneamente, que a mudança do destino da FEB ocorreu com a tropa já se deslocando, e também não apresentou a origem da fonte:

"No deslocamento do Rio, o comando aliado modificou a destinação do Norte da África, onde havia depósitos de equipamentos e áreas de treinamento, para o Sul da Itália, onde não havia nada disponível. A FEB não dispunha de material de co-zinha, acampamento e bivaque, armas e viaturas; em síntese: de coisa alguma que fosse necessária a uma existência independente. O comando norte-americano não preparou uma área inicial de bivaque. A primeira noite da FEB na Itália foi desabrigada e tiritante numa zona de estacionamento, localizada na cratera poeirenta do extinto vulcão Astronia. O moral despencava a cada momento e também a lembrança da hostilidade com que a população de Nápoles os recebera. Deslocando-se desarmados e em uniformes verde-oliva, foram tomados por prisioneiros nazistas. A recepção que tiveram estava longe de ser grandiosa".

Hélio Silva afirma que em uma entrevista de 1972, ficou sabendo que a ordem veio diretamente do presidente Roosevelt:

"Segundo Adolf Berle Junior (6), membro proeminente do Departamento de Estado e conselheiro de Roosevelt durante o período da Guerra, partira do próprio presidente norte-americano a ordem para a FEB prosseguir diretamente para Nápoles. A razão de ordem táctica fora o grande número de mortos no desembarque de Anzio e o avanço para Roma. Além disso, os Aliados estavam desfalcados do Corpo Expedicionário Francês que partira para a invasão do sul da França".

O coronel Brayner não acreditava nesta versão, e deu a sua opinião sobre o que de fato ocorreu:

"Há certos fatos do Histórico da FEB, em que aparecem várias afirmativas aparentemente contraditórias. Vejamos alguns:

Certos escribas de assuntos históricos que costumam pesquisar no país e no estrangeiro ouvindo opiniões de indivíduos suspeitos da cúpula da FEB. Por exemplo, afirmam que quem deu a ordem direta para a FEB seguir para a Itália diretamente, sem passar por Oran (N. da África) como era do programa oficial, foi pessoalmente o Presidente Franklin Delano Roosevelt, por intermédio de um agente, que estava no Rio como Embaixador, de nome Berle. Quem vai acreditar nisso? Teria de se preocupar o Presidente dos Estados Unidos com os 6.000 homens do 1º Escalão da FEB, quando os seus problemas no mundo inteiro eram cruciais? Que faziam, então, o Departamento de Estado, o Departamento de Defesa, o "Pentágono", o Estado-Maior Conjunto, o Gen. Eisenhower, Comandante Geral do Teatro de Operações europeu, o Marechal Alexander, Comandante do T.O. do Mediterrâneo? O Sr. Berle, ultra-potente, passou por cima de todos estes órgãos, para dar ordens à FEB?"

Brayner, em 1973, procurou desqualificar Adolf Berle, advogado, diplomata, aliado do presidente Roosevelt há muitos anos, e que ocupava um alto cargo no Departamento de Estado naquela ocasião, além de não ser o embaixador dos EUA no Brasil, posto ocupado desde 1937, por Jefferson Caffery. Se ele deu alguma ordem, foi cumprindo orientação superior.

"De fato. Estando a tropa seguramente informada e preparada para ir, no primeiro lance, para o Norte da África, como se procedia com todas as Divisões Americanas, não seria de bom alvitre dizer-lhe antes da partida que o rumo seria outro, diretamente para o fragor da luta, quando nem armamento se possuía ainda. Mas nas imediações da partida, o Grupamento Secreto Est. Maior Especial encarregado de realizar o embarque do 1º Escalão, foi devidamente informado, em caráter ultra sigiloso. Logo que o navio "General Mann" se faz ao mar, a notícia foi se difundindo, com a autorização do Gen. Mascarenhas, que já a conhecia muito bem. E o sigilo não era por medo de influir no ânimo dos integrantes da FEB. É que o Corpo Expedicionário Francês, do Gen. Juin pediu para participar das operações de invasão da França, com as tropas de De Lattre, de Taissigny, por Toulon-Marseille. A operação era urgente. A única tropa disponível para substituir os franceses no "front" italiano era a FEB em julho de 1944, mas, a verdade é que ainda no Brasil sem o armamento necessário. Era tão urgente a retirada dos franceses que o seu Chefe de Est. Maior, General Marcel Carpentier, velho amigo dos brasileiros veio ao nosso encontro em

Nápoles e trocou informações com o Gen. Mascarenhas. A mim ele fez importante confiança, que os escribas históricos desconhecem; foi cogitado o Corpo Expedicionário Brasileiro para integrar as tropas de De Lattre de Tassigny no desembarque de Toulon. Marcel Carpentier, ex-Membro da Missão Militar Francesa no Brasil, adorava os brasileiros. Queriamos ao seu lado. Mas, a ideia foi vetada, porque o déficit de forças na Itália era alarmante”.

Esta proposta do emprego de tropas brasileiras na invasão do sul da França, que ocorreria a partir de 15 de agosto, salvo melhor juízo, não é citada em nenhuma outra obra, inclusive as do marechal Mascarenhas de Moraes. Se Brayner quis dizer que as tropas brasileiras não foram para o norte da África porque os franceses poderiam utilizá-las em detrimento do V Exército, já foi visto neste trabalho que bem antes da chegada da FEB o general Clark já havia manifestado o interesse no seu emprego. As lideranças militares francesas não teriam o poder para fazer com que a FEB fosse incorporada às suas tropas sem o consentimento do comando militar dos EUA. A dependência dos franceses junto aos norte-americanos, na parte militar, era total. A FEB, naquela oportunidade do encontro entre o coronel Brayner e o general francês Carpentier, com a Operação "Anvil" perto de ser desencadeada, não estava em condições de participar da invasão do sul da França, e, o que provavelmente teria sido um grave erro, pois o seu batismo de fogo somente ocorreu no dia 15 de setembro de 1944, dois meses após a sua chegada a Itália:

"Inclusão da divisão brasileira no V Exército - Pouco se avançou no adestramento militar do 1º Escalão de Embarque durante o seu primeiro mês de permanência no teatro de operações da Itália...". O obstáculo principal ao desenvolvimento da instrução foi, como no Brasil, a falta de material para esse fim".

“...As condições do local de estacionamento e a preocupação geral da tropa brasileira de entrar em ação de combate induziram-me, desde os primeiros dias de nossa estada em Bagnoli, a interessar-me vivamente pelo recebimento do material de guerra e pela transferência do 1º Escalão de Embarque para uma área de treinamento, o que tornaria possível a melhoria de nosso padrão de adestramento” (Mascarenhas de Moraes).

Baseado em suas pesquisas nos Estados Unidos, Dennison de Oliveira encontrou fontes relacionadas a situação da FEB relativas ao seu treinamento, falta de equipamentos e fardamento inadequado, que confirmam que, na sua chegada à Itália, a tropa brasileira não estaria em condições de participar da Operação Anvil, junto com norte-americanos e franceses:

"...falta de treinamento completo para a tropa, falta de liderança e responsabilidade da parte dos oficiais, particularmente oficiais subalternos, baixos padrões e pobre disciplina sanitária, falta de entendimento de nosso sistema de suprimento, operação e manutenção pobres de veículos e armas, e especialmente falta de especialistas treinados como mecânicos, motoristas e pessoal de comunicação. Também houve dificuldades com roupas e equipamentos brasileiros. Todos (os) itens de cobertores e roupas de lã eram totalmente inadequados para o clima italiano de inverno, e foi necessário enviar do Teatro estoques de sobretudo dos EUA, jaquetas, roupas de baixo, luvas, capas de lã, calças, perneiras,

sapatos e capas de chuva. Suas deficiências em treinamento e disciplina causaram preocupação considerável".

Para os autores deste documento a FEB deveria ter ido para o norte da África onde existiam instalações adequadas e condições mais propícias para o treinamento sob a supervisão de militares dos EUA. Eles, como pode se observar, não tinham o conhecimento sobre quem havia determinado que a FEB fosse enviada para a Itália e não para o norte da África.

Continuando com as palavras do coronel Brayner:

"Mark Clark exigiu que a FEB integrasse O 5º Exército, sem perda de tempo. Deu-nos um precioso crédito de confiança. Mas, os escribas acham que, no momento em que partimos do Rio, foi colocado uma venda nos olhos de cada general da FEB para não verem que o rumo era Nápoles e não Oran. As vendas só foram retiradas por ordem do ss. Berle, quando o navio atracou naquela cidade. Só aí é que viram que haviam passado por Capri, Posuoli, Sorrento, Amalfi, Castellamare, Torre Annunziata. Brincávamos de "cabra cega"... Quando navegávamos em pleno Mediterrâneo, vendo, muito ao longe, a Costa Norte da Itália, a BBC (inglesa), em texto claríssimo irradiou, dia 15 de julho de 1944, às 16 (dezesesseis) horas: "Aproxima-se de Nápoles, em transporte norte-americano, o 1º Escalão e tropas brasileiras, que vão operar naquele Teatro de Operações". Todos a bordo ouviram. Até a BBC sabia que nós íamos diretamente para Nápoles. Só o General Mascarenhas ignorava. O Berle esquecera de avisá-lo... Quanta pobreza de imaginação!"

Notas

(1) Conversações estabelecidas nas reuniões efetuadas no Rio de Janeiro entre o General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra do Brasil, e o Major-General James Garesche Ord, Chefe da Delegação Norte-Americana na Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos, de Washington. Rio de Janeiro, 22-05-1943, p. 1. AHEx. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

(2): Questões referentes à contribuição do Exército do Brasil, na luta fora do continente, a serem abordadas, esclarecidas e precisadas com a Joint Brasil-United States Defense Commission, de Washington. Rio de Janeiro, data desconhecida, 1943, p. 1. AHEx. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

(3) Questões referentes a contribuição do Exército do Brasil, na luta fora do continente, a serem abordadas, esclarecidas e precisadas com a Joint Brasil-United States Defense Commission, de Washington. Esclarecimentos Complementares. Washington, 28-09-1943, p. 2. AHEx. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

(4) Do Secretário-Geral ao Exmo. Sr. Presidente da República. Comissão de estudos das questões do pós-guerra. Rio de Janeiro, 04-06-1943. Confidencial. Arquivo Nacional. Documentação do ano de 1943, pasta 3, Cópias de Ofícios e Informações (Secretas, Reservadas e Confidenciais), p.138.

(5) Foreign Relations to the United States. Brazil. Cooperation between the United States and Brazil on certain Measures for Hemisphere Defense. The Ambassador in Brazil to the Secretary of State. Rio de Janeiro, July, 31, 1943.

(6) Adolf Berle Jr (1895-1971). De 1938 a 1944, Berle atuou como Secretário de Estado Adjunto para Assuntos Latino-Americanos. Entre 30-01-1945 e 27-02-1946, foi embaixador dos Estados Unidos no Brasil.

(7) National Archives. Record Group 333. USAFSA responsibility, G-3 USAFSA, History of the Brazilian Expeditionary Force, 01-05-1945.

Fonte:

LATFALLA, Giovanni. FEB, Missões e Observadores Militares. Juiz de Fora: Editar Editora Associada Ltda. 2023.

%%%

Voluntários sem pátria

(Contribuição do Membro-Efetivo Cel Emílio Joaquim de Oliveira Júnior)

O retorno dos veteranos da Guerra do Paraguai não foi nada heroico: soldados precisaram reconstruir a própria vida na terra natal, com pouco dinheiro e muitas promessas

Rodrigo Goyena Soares*



Projeto de um monumento que seria levantado no Rio em homenagem aos soldados que voltavam da guerra [Fonte: FBN]

A volta dos veteranos da Guerra do Paraguai foi ardilosa e pouco heroica para o que se espera do retorno à pátria de um exército vitorioso. Quando, em 1870, depois de um entusiasmado verão no Rio da Prata, os soldados tiveram que desembarcar no Brasil, longos anos haviam transcorrido desde o início da guerra, e as tropas tiveram que mergulhar no desafio de reconhecer suas cidades, em um país afetado pela inflação. Assim como reencontrar a família e redescobrir a própria intimidade.

Nas embarcações que trouxeram, entre fevereiro e junho de 1870, dois terços dos veteranos de volta, conviveram personagens tão díspares, socialmente, quanto generais, jovens praças pobres recrutados à força e libertos de guerra; e tão distintos, regionalmente, quanto baianos, gaúchos e pernambucanos.

Personagens tão diferentes quanto o Duque de Caxias (1803-1880), Benjamin Constant (1833-1891) e Deodoro da Fonseca (1827-1892) foram veteranos da guerra. Cada qual teria de fazer valer seu esforço de guerra usando a capacidade reivindicatória e, não por coincidência, a posição social.

Embora os primeiros meses de 1865, quando realmente começou o combate, tivessem sido marcados por algum entusiasmo patriótico, não deixaram de pesar na decisão de alistamento as promessas trazidas pelo decreto que formalizou a criação dos Voluntários da Pátria. Os aliciados para a árdua tarefa seriam

gratificados com 300 réis diários e mais 300\$000 réis quando dessem baixa – cerca de um sétimo do valor necessário para se comprar uma *chacarina no morro da Providência*, conforme lia-se nos classificados do Jornal do Comércio em setembro de 1866.

Também foram prometidas terras de 22.500 braças quadradas nas colônias militares e agrícolas, equivalente a pouco mais de dez hectares ou 100 mil metros quadrados, assim como empregos públicos, soldos dobrados para voluntários aleijados e pensões para viúvas e órfãos.

No início, o negócio de entrar na guerra parecia valer a pena. Somando os soldos às gratificações, a expectativa de quem se alistasse era que, em três ou quatro anos de combate, poderia acumular algo em torno de 1:000\$000. Isso sem contar as bonificações do exército e da marinha, caso o voluntário viesse a ascender na hierarquia militar por ato de bravura no teatro de guerra.

Em setembro de 1865, quando houve a rendição de Uruguaiana, e se encerrou a primeira fase da guerra, com o recuo das tropas paraguaias, as agências privadas de recrutamento na Corte se multiplicaram, já que a guerra se mostrava favorável aos Aliados.

Temerosas de ver seus filhos nas trincheiras do Paraguai, as famílias brasileiras mais abastadas ofereciam, por intermédio de um agente privado, recompensas de 400\$000 réis a 700\$000 réis a substitutos que quisessem ir ao Paraguai no lugar de seus entes queridos.

Ao todo, quem sabe, o jovem fluminense alistado na Corte poderia acumular nada menos que 2:000\$000 – exatamente o valor da pequena chácara. Seria uma conquista social para um jovem pobre do interior fluminense. Para o escravo, as esperanças eram ainda maiores. Não só ganharia a liberdade, mas poderia juntar um dinheiro e comprar o que bem entendesse.



Soldados que participaram da guerra participando de uma procissão em homenagem a Santo Antonio [Fonte: FBN]

Houve quem não topou a empreitada. O medo da morte falava bem alto. Dos 139 mil brasileiros que foram ao Paraguai, em torno de 50 ou 60 mil faleceram em combate ou acabaram derrotados por pestes e cóleras. Outros tantos desertaram e fugiram, ora para localidades brasileiras, ora para a Argentina e para o

Uruguai, onde, inevitavelmente, foram recrutados pelos exércitos daqueles países. Para os que voltaram ao Brasil na hora devida, no entanto, chegava o momento de recolher o esforço de guerra, o que foi verdadeiro ofício de frustrações.

O primeiro passo era cobrar as gratificações e os soldos ainda não recebidos, o que não era de todo fácil, considerando-se que o liberto de guerra ou o quitandeiro de São Paulo deveriam saber ler e escrever para formular um requerimento nos moldes legais. Da mesma forma que em 1866 as agências privadas de recrutamento enxugavam parte do capital prometido ao substituto; na década de 1870, advogados especializados em reivindicações de guerra cobravam parte do soldo do veterano ou da pensão do inválido como prêmio por arrancar da Justiça o que era de direito para o egresso do Paraguai.

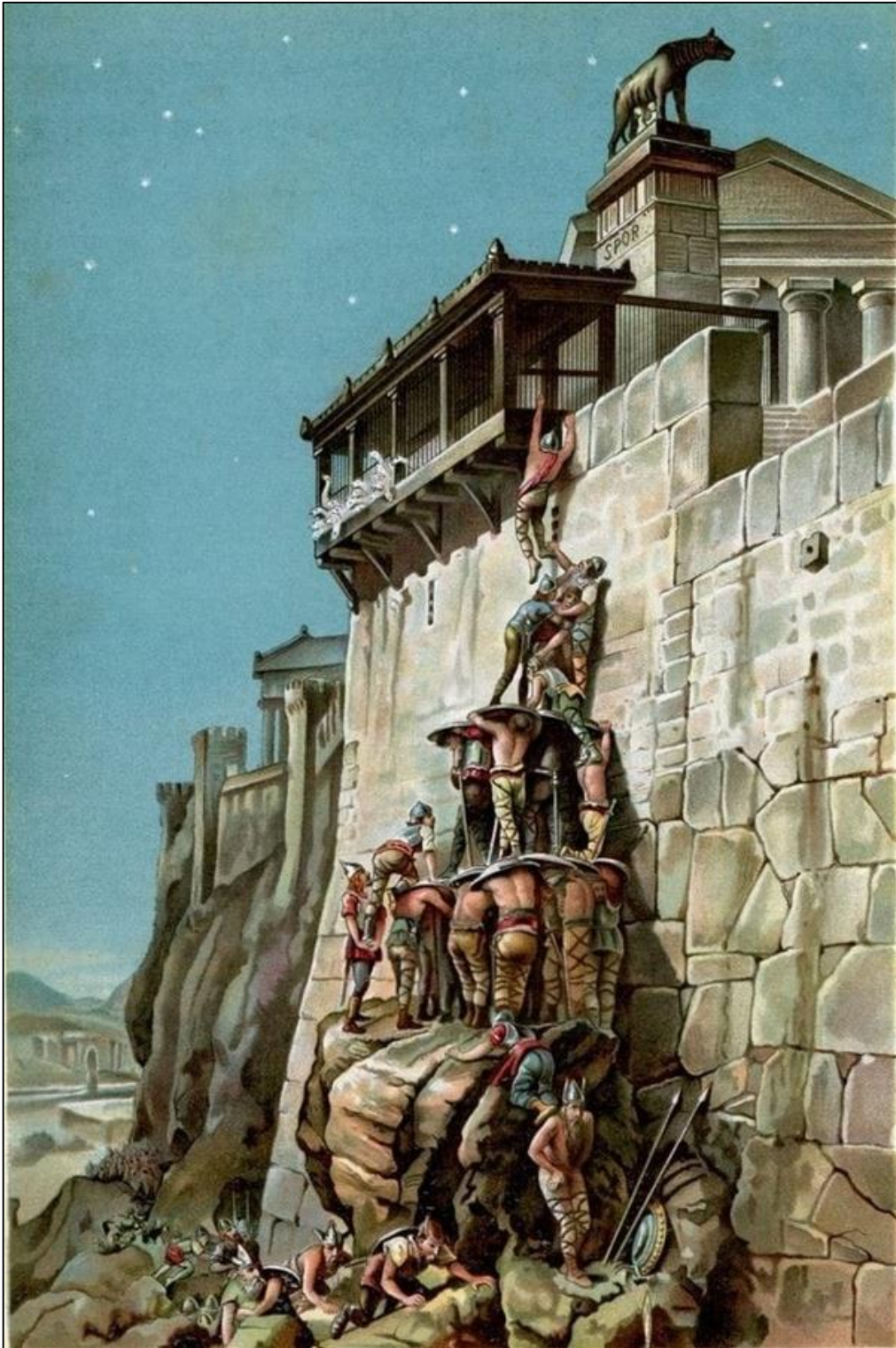
Os soldos, assim como as pensões às viúvas e aos órfãos, foram outorgados em sua maioria, mas as demais promessas permaneceram só na lembrança, pelo menos para os mais pobres.

A inflação, especialmente no Rio de Janeiro, rapidamente corroeu os valores das pensões, o que ampliava o tamanho das frustrações. Benjamin Constant apressou-se, pouco depois de assumir o Instituto de Meninos Cegos, em 1869, em propor com êxito ao Conselho de Estado a criação da Associação de Socorros à Invalidez. O veterano José Luiz Gomes tentou criar a Associação Beneficente e de Socorros Mútuos dos Homens de Cor, mas fracassou. Gomes pensava não só nos libertos de guerra, que permaneciam em estado de miséria, mas também nos escravos da Corte, que poderiam comprar sua liberdade com o dinheiro acumulado pela associação.

A criação de sociedades filantrópicas parecia ser comum na década. Aumentou o número de afiliados à Sociedade dos Montepios para Servidores do Estado e à Sociedade da Santa Cruz dos Militares, assim como dobrou o número de petições para criar outros tipos de beneficências.



Soldados em Vila do Rosário, no Paraguai, em 1870 - os oficiais cumprimentam chefe das tropas, conde D'Eu [Fonte: FBN]



tarde, precisamente em 52 a.C., os romanos deram o troco, com a conquista da Gália, pelo general Júlio César que, com o cerco da fortaleza de Alésia, derrotaram os gauleses, anexando um imenso território ao seu império. Essa conquista contou com um repórter especial, o próprio Júlio César, com seu livro, *De Bello Gallico* (A Guerra da Gália), relatando em detalhes todas as etapas da campanha. Inclusive, trouxe acorrentado para Roma o chefe gaulês, Vercingetórix, depois condenado à morte pelos romanos, que agora também podiam dizer: *vae victis*. A Gália à época correspondia aos atuais países europeus: França, parte da Bélgica e Alemanha e norte da Itália.

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
(lecaminha@gmail.com)**

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE

– Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historiapatriota.blogspot.com>